

Estudando a resiliência nas escolas de Pelotas: Um relato de experiência como entrevistadoras de campo

FABIANA PINHEIRO NIZOLLI¹; FERNANDA DIAS COUGO²; DIOVANA NEITZKE VOIGT³; MICHELLE SOUZA DIAS⁴; TATIELE SCHNEIDER⁵; MARIANE LOPEZ MOLINA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – fabiananizolli20@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandadcougo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – voigtdiovana@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – michelle_souzadias@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – tatiele.sch01@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – mariane.molina@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A educação deve fornecer ao indivíduo ferramentas para que ele possa adquirir aptidões, conhecimentos e condutas, visando atuar de forma ativa e consciente na vida social (SILVA, 2022). Além disso, a educação é responsável não apenas por repassar conhecimentos científicos, mas também por habilidades essenciais para a vida. Nesse contexto, a psicologia escolar assume papel relevante, com ações voltadas ao bem-estar dos estudantes e para a compreensão e enfrentamento de dificuldades no cenário educacional. Essa atuação abrange intervenções com orientações profissionais e educacionais, mediando conflitos e apoiando a formação docente, especialmente diante de desafios emergentes no ambiente escolar (BARBOSA; SOUZA, 2012).

De acordo com Pereira (2001, apud PINHEIRO, 2004), os sistemas educacionais devem priorizar o desenvolvimento integral do indivíduo, favorecendo a aquisição de recursos para lidar de forma saudável com situações estressantes. Isso inclui incentivar o uso de estratégias de *coping*, entendidas como mecanismos que auxiliam na adaptação a circunstâncias adversas, de modo a fortalecer a resiliência ao longo de todas as etapas da vida. A resiliência, por sua vez, pode ser compreendida como um processo que envolve auxiliar as pessoas a reconhecer e aceitar suas capacidades, validando-as de forma positiva e incondicional, o que fortalece a autoconfiança e favorece o enfrentamento das dificuldades cotidianas, mesmo em contextos adversos (TAVARES, 2001, apud PINHEIRO, 2004). Por este motivo torna-se relevante o desenvolvimento de estudos científicos e estratégias que possam auxiliar na promoção da resiliência em escolares.

Sendo assim, este relato tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas nas saídas de campo realizadas pelo grupo de pesquisa, bem como refletir sobre as atividades desenvolvidas até o momento.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um relato de experiência vivenciado de três acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sendo uma discente do sétimo, e duas discentes do terceiro semestre, vinculadas ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infanto-Juvenil (NEPDI), que desenvolve pesquisa sobre a resiliência de estudantes da rede escolar, entre 9 e 12 anos da cidade de Pelotas.

A amostra é captada por meio de contato inicial com coordenadoras ou diretoras das escolas, feito por responsáveis pela pesquisa e pelo bolsista do projeto, que apresenta o projeto e a autorização dos órgãos de educação. Após o aceite, a equipe visita as turmas aptas para explicar a pesquisa e entregar os termos de consentimento, que devem ser preenchidos pelos responsáveis das crianças. Em um segundo momento, a equipe retorna para aplicação dos instrumentos com os alunos autorizados pelos responsáveis.

De modo mais específico, o estudo busca validar no Brasil, o instrumento chamado Escala de Resiliência para Crianças (RS-10), apropriado para avaliar como as crianças reagem frente aos desafios e dificuldades enfrentados na vida. Esta escala, desenvolvida originalmente no contexto americano por Gail Wagnild, é composta por dez itens, que mensuram a capacidade de responder de forma positiva às adversidades da vida. O instrumento, aplicado individualmente, avalia a resiliência de crianças entre 09 e 12 anos, com duração aproximada de 4-5 minutos, possuindo uma linguagem de fácil entendimento para esta faixa etária (WAGNILD, 2015). Como instrumento de comparação para validação, é aplicado o MRI (Marcadores de Resiliência Infantil), com 22 questões de múltipla escolha aplicadas online, de modo a identificar como as crianças reagiriam frente a determinadas situações que são apresentadas para elas no instrumento (OLIVEIRA; NAKANO & PEIXOTO, 2021).

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, sob CAAE nº 88022025.4.0000.5317.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme supracitado, o presente trabalho visa discorrer sobre as experiências de pesquisa vivenciadas durante as atividades de campo, realizadas em escolas da cidade de Pelotas. O estudo encontra-se em andamento e até o momento, foram realizadas 24 visitas em escolas de Pelotas, distribuídas da seguinte forma: 8 municipais, 9 estaduais e 7 privadas. Destas, 18 visitas foram para aplicação e 6 para apresentação da pesquisa e entrega de termos de consentimento. Cabe destacar que, antes do início das aplicações nas escolas, as entrevistadoras participaram de treinamento sobre o projeto e sobre o campo.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a alfabetização das crianças deve ocorrer até o 2º ano do fundamental. Sendo assim, nesse período focado na alfabetização é necessário proporcionar aos alunos possibilidades para que eles “se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2018, p.59). Todavia, observou-se uma discrepância significativa entre escolas de rede pública e privada: alunos de escolas privadas compreenderam com maior facilidade os instrumentos, enquanto em algumas escolas públicas havia estudantes do 5º ao 7º ano ainda em processo de alfabetização, e casos de crianças de 12 anos sem leitura funcional ou sem saber escrever seu nome completo sozinhos. Porém, pode se considerar que a maioria dos alunos das turmas onde o estudo foi realizado sabiam ler e escrever de forma satisfatória, bem como, apresentavam pouca necessidade de auxílio durante as aplicações. Desse modo, é possível

notar que o que consta na BNCC em relação à alfabetização ainda não acontece em sua totalidade, sobretudo nas escolas públicas da cidade de Pelotas.

Ademais, foi possível observar uma grande diferença em relação à infraestrutura: escolas privadas apresentaram melhores recursos, enquanto muitas escolas públicas possuíam equipamentos sem manutenção e wi-fi precário, exigindo recursos pessoais da equipe da pesquisa. Apesar desta diferença, vale ressaltar que, muitas escolas públicas possuíam chromebooks que auxiliaram na aplicação da pesquisa. Essa realidade conforme FERREIRA et al. (2024), ao apontarem que escolas localizadas em regiões periféricas frequentemente enfrentam precariedade estrutural, falta de investimentos e ambientes pouco adequados ao processo de ensino-aprendizagem, o que reforça as desigualdades educacionais já existentes.

Em relação à participação dos alunos, houve uma maior adesão à pesquisa nas escolas privadas. Isso pode estar relacionado a maior diversidade e incentivo a adesão de projetos que investem na formação continuada dos alunos (BARDAGI et al, 2006). Além disso, em algumas escolas as crianças não estavam muito dispostas a participar da pesquisa, mas houve uma maior demonstração de interesse quando a parceria com a Universidade de Chiba, no Japão, foi mencionada, além da menção ao livro que será usado na intervenção nas escolas. De modo geral, os professores e demais funcionários das escolas participantes se mostraram solícitos e dispostos a auxiliar na pesquisa, tanto no momento da entrega de termos quanto na aplicação, e não houve diferença entre as públicas e privadas. Com isso, pode-se perceber que eles compreendem a importância da pesquisa realizada pelo NEPDI, bem como da futura intervenção.

A psicologia desempenha um papel muito importante no ambiente escolar, promovendo uma melhora na qualidade da educação (SOUZA, 2020). Pesquisas como a realizada pelo NEPDI, são essenciais para fortalecer esse processo e incentivar que os alunos desenvolvam habilidades significativas como a resiliência, fundamentais para o enfrentamento de adversidades.

A experiência no NEPDI tem sido significativa, permitindo observar a realidade educacional de Pelotas, lidar com imprevistos, e desenvolver habilidades de comunicação e adaptação a contextos diferentes. Além disso, o contato direto com o campo ampliou a compreensão prática sobre etapas de pesquisa e aplicação, desafios e responsabilidades envolvidas no trabalho científico. Portanto, a atuação no NEPDI contribuiu para o fortalecimento da postura profissional e para o compromisso social exigido na formação em Psicologia.

4. CONCLUSÕES

O contato com a pesquisa ainda na graduação, bem como, a vivência prática do campo é fundamental, pois aproxima a psicologia da comunidade e também possibilita contato direto com a realidade escolar e com diferentes contextos socioculturais, ampliando o repertório e a compreensão profissional. Os

dados obtidos até o momento, reforçam a importância da pesquisa para as escolas de Pelotas, especialmente as públicas, onde as saídas de campo revelaram desafios educacionais significativos. A validação da Escala de Resiliência com crianças de 9 a 12 anos é fundamental para compreender e fortalecer habilidades socioemocionais nessa faixa etária. Nesse contexto, a Psicologia contribui para identificar necessidades, promover intervenções adequadas e favorecer um desenvolvimento escolar e pessoal mais saudável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 163-173, 2012.

BARDAGI, M. et al.. Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 10, n. 1, p. 69–82, jun. 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental – Versão Final**. MEC, Brasília, maio 2018. Acessado em: 28 ago. 2025. Online. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf

FERREIRA, R. T.; SILVA, L. M.; ROCHA, D. F. Infraestrutura escolar e desigualdade socioeconômica: o retrato das escolas paulistas. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, São Paulo, v. 3, n. 2024, p. 1–19, 2024. <https://doi.org/10.23925/2176-4174.v3.2024e68812>

PINHEIRO, D. P. N. A Resiliência em Discussão. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v 9., p. 67-75, 2004.

OLIVEIRA, K.S.; NAKANO, T.C.; PEIXOTO, E.M. Marcadores de Resiliência Infantil: Evidências de Validade para Estrutura Interna e Precisão. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. 1-15, 2021.

SILVA, K.M. da. A Importância da Educação Escolar para a Formação Humana. **Revista GESTO-DEBATE**, Campo Grande, v.6, n.1, p.24-31, 2022.

SOUZA, A. C.. Interfaces entre Psicologia, Educação e Saúde - um relato de prática profissional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e.1-5, 2020.

WAGNILD, G. M. **Resilience Scale for Children - User's Guide**. Resilience Center, 2015.